

## APRESENTAÇÃO DO NÚMERO

Flavio García (UERJ)

Marisa Gama-Khalil (UERJ)

Na contemporaneidade, mesmo depois de conhecermos as posições de teóricos e críticos como Antón Risco, Christine Brook-Rose, David Roas, Filipe Furtado, Jean-Baptiste Baronian, Jean Bellemin-Noël, Irène Bessièrre, Jean-Paul Sartre, Louis Vax, Pierre-Georges Castex, Roger Bozzetto, Roger Callois, Remo Ceserani, Tzvetan Todorov, entre os europeus, Ana María Barrenechea, Harry Belevan, Jaime Alazraki, Pampa Olga Arán, Renato Prada Oropeza, Rosalba Campra, Rosemary Jackson, Susana Reisz, Víctor Bravo, entre os americanos, continua a ser sumamente impossível delimitar, com rigor e livre de polêmicas, a ficção, em sentido lato, entendida por “fantástica”. Nem mesmo o recurso à infinidade de artistas que, produzindo em diferentes *media*, exercitaram-se e exercitam-se como críticos, dedicando-se a problematizar essa vertente ficcional, consegue tornara amena a sempre frustrada tentativa de definir, com precisão, o “fantástico”, seja entendido como gênero, modo, discurso ou categoria.

Haveria, contudo, no vasto e heterogêneo conjunto de produções ficcionais “fantásticas, parafantásticas, metafantásticas, pseudofantásticas”, um traço distintivo que lhe daria certa unidade: a impressão do insólito ficcional, a partir da composição de qualquer de suas categorias, isolada ou solidariamente entre si. Essa impressão se daria a partir do recurso a diferentes estratégias

de construção narrativa – ranhuras, fissuras, fraturas e rupturas resultantes da instauração de incoerências ou incongruências face aos referentes extratextuais – que põem em xeque as expectativas da lógica racional e aristotélica.

Os trabalhos que integram este n. 5 da Revista *Abusões* transitam, livremente, pela ficção, teoria e crítica desse “fantástico” amplo e diversificado, incursionando por diferentes *media*, mantendo e reiterando a tradição e alimentando, ainda mais, as celeumas que levam a que sempre se problematize o gênero, modo, discurso ou a categoria ficcional cuja marca indelével é a presença, em seu universo, do insólito.